



Gaiato



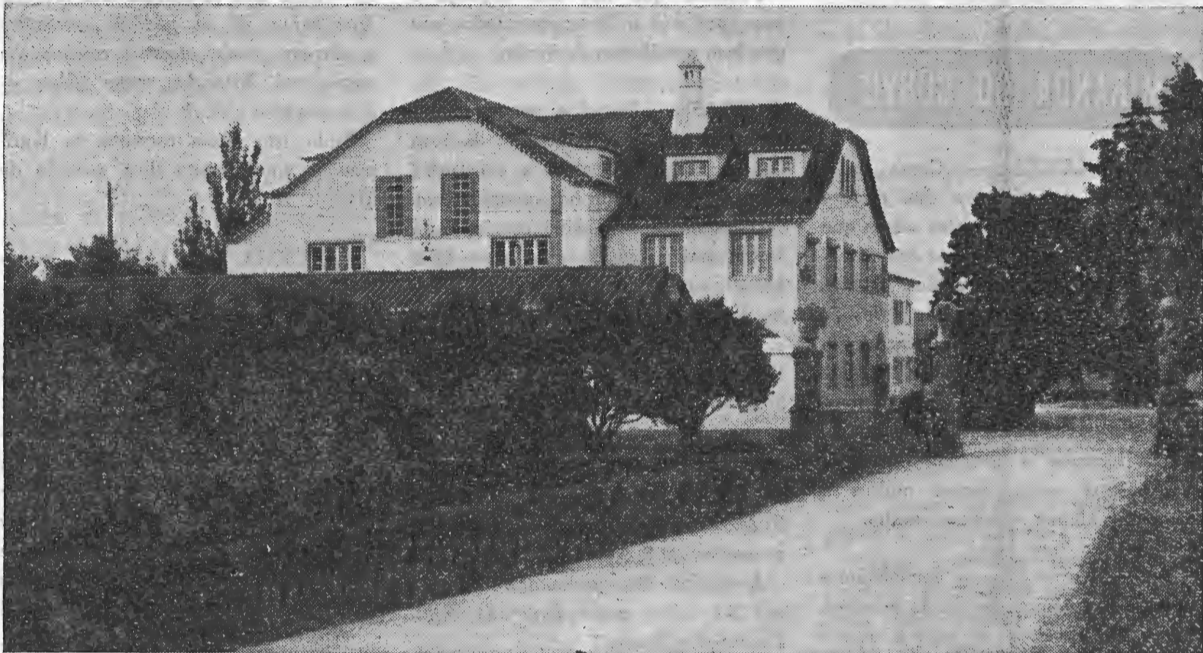
PORTE
PAGO

Quinzenário * 16 de Março de 1985 * Ano XLII — N.º 1070 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



A casa-mãe da nossa Casa do Gaiato de Lisboa (Santo Antão do Tojal-Loures) rodeada de jardins, e de arvoredo

AQUI, LISBOA!

«Poupar no comer, poupar no vestir, poupar no zarcão! De tal maneira o mundo se diverte e com tamanho estrondo se pinta, que as famílias pobres estremeçam em suas casas e sentem a vida a cair aos pouquinhos, abalada com tanto barulho. Mais respeito pelos sem pão!» (Pai Américo)

Dizer que estamos numa época de consumismo exacerbado constitui já um lugar comum. A prioridade no ter e no parecer ante o ser entrou de tal modo nos hábitos quotidianos que é considerada normal, mesmo que à custa dos processos mais desonestos. O relativismo moral instalado no viver dos nossos dias leva a considerar o mal como coisa indiferente ou até como bem, sobretudo se serve os nossos interesses ou ambições.

Comer, beber, gozar, vestir bem e atitudes similares são as normas que pautam a conduta de muitos, sobretudo nas camadas mais favorecidas. Um egoísmo diabólico desceu à rua e tudo parece subverter. Falar de crise é slogan gasto que não aproveita a ninguém, antes favorece a sofreguidão dos habilitados.

O jogo prolifera por toda a parte. Salas de bingo, de flippers e de outros tipos, mais batota menos batota, espalham-se pelo País. Sociedades ditas recreativas ou culturais outra coisa não são que casas de

jogataria. Lotarias particulares, envolvendo somas volumosas, existem de Norte a Sul. Os expedientes multiplicam-se para fortuna forjar, às vezes com a justificação de que se trata de desenvolver actividades socio-caritativas, o turismo ou o desporto. Muitas famílias sofrem na sua carne as consequências deletérias do jogo, onde muitos dos seus chefes delapidam os seus réditos, faltando em casa com o essencial. Os jovens, presas fáceis da tentação, por sua vez, sem leis que os protejam, são levados a desregramentos de todo o tipo.

Num determinado café surpreendemos, há tempos, alguns agentes de autoridade de passagem chamando os responsáveis à pedra pela presença de menores numa sala de máquinas anexa. Alguém se desfaz em desculpas, dizendo que não tinham dado conta do facto e logo mandaram um empregado pôr na rua quem não tinha idade de ali permanecer. Passadas semanas, no mesmo local, vimos aquele «alguém» trocar dinheiro a jovens para ali «derreterem». Isto sucede às claras, sem que haja uma fiscalização eficaz e conscienciosa.

Enriquecer a qualquer preço é o que importa para muitos, infelizmente. Consciência não há ou está debotada. Para ganhar dinheiro tudo serve e não importam as desgraças dos outros ou os valores morais em causa. Explorar lupanares ou equivalentes, vender mixórdias pornográficas ou similares, negociar droga ou vender gato por lebre em nada afecta os sentimentos ou as preocupações de muitos homens que se dizem até cristãos e que vão à Missa e participam em cerimónias religiosas. Só reagem, se é que isso sucede, quando as consequências perniciosas da sua acção lhes entram pela porta dentro. O que conta são os cifrões e o refastelamento, de pantufas, numa poltrona...

Em nome de pseudo bem-fazer se tomam iniciativas de descarada exploração dos incautos, nomeadamente daqueles que pensam enriquecer facilmente e depressa. Por nós, e dizemo-lo com toda a força da nossa alma, só desejamos que não se lembrem da Casa do Gaiato esses «benfeitores» que mexem ou to-

Cont. na 4.ª pag.

Cont. na 3.ª pag.

POBRES

Subimos os muitos e apodrecidos degraus que levam à casa da D. Serafina. É num 5.º andar dum velho prédio da antiga rua da Vitória. No mesmo andar moram a D. Aurora e a D. Guida. São as nossas velhinhas. Todos os meses lá vamos deixar uma ajuda e aprender uma lição.

Tinha dito aos dois rapazes, meus companheiros nas voltas pelo Porto, que faltava só ir à universidade.

— É esta a universidade? — perguntou um deles.

— Como adivinhaste?!
Hoje foi a lição da D. Serafina:

Logo que entrámos, fez questão de nos levar à varanda para nos mostrar o Douro, quase a galgar os muros da Ribeira; majestoso e barrento a servir de fundo às cúpulas de S. Francisco, torres e telhados vermelhos.

A D. Serafina trata de crianças, filhos de mulheres que ali os deixam durante o dia. Tão lindos! Como lírios! E ela com carinho e amor igual ao de mãe! O mais pequeno estava ainda sentadinho no pote. Tudo tão natural e humano! Só a lei do coração que, durante o dia, vai provendo. Sem esperança de louvorés, por vezes nem sequer vem a recompensa... Como mãe, ama simplesmente. Até na parede mordida o olhar do Senhor é terno e doce.

Na casinha modesta deste 5.º andar se reflecte, todos os dias, o Douro belo e impetuoso ao encontro do mar, como o carinho maternal desta mulher por estes lírios do campo.

Por uma certa associação de ideias, ao ler nos gestos e palavras o carinho desta mãe, lembrei um velhinho de oitenta anos, cego e doente, que, comido com dores terríveis, começou a gritar pela mãe. Há tantos anos que ela morreu! Ele a vê ali pre-

sente — a única que pode aliviar as suas dores. A força poderosa do amor materno, quando houve, é, em toda a vida, constante e certa como as ondas na praia.

Não há força maior na educação! Tantos métodos e sistemas ficam vazios de sentido e falham na prática, porque falhos de sentido do amor e, até, da simples atenção pela pessoa. Um sistema somente técnico pode, orientando a razão, gerar máquinas perfeitas e disciplinadas — mas nunca atingirá o coração.

Onde nos levou a lição da D. Serafina!

Padre Telmo

Notas do Tempo

Com o dom de Alguém preocupado e decidido a comungar nas nossas carências — e aflições de tantos que nos batem à porta — do que vamos dando discreta conta — vinha esta legenda soberba tirada dos três monumentais pórticos da Catedral de Milão:

«Tudo o que agrada, é apenas provisório.»

«Tudo o que nos aflige, é passageiro.»

«Só tem importância aquilo que é eterno.»

Eis uma mensagem sintética mas plena de Fé, de Esperança e de Sabedoria, a dizer do es-

pírito com que aquele Irmão e Amigo participa na nossa missão de «recoveiros dos Pobres», partilhando até ao sacrifício, pois que, sem ele, o dom se arriscaria a permanecer profano e só com ele «se torna sacro», isto é, de valor projectado na Eternidade.

Mas tal legenda é, também, um desafio à reflexão sobre a humana tendência para o prazer do instante, tão pronta para absorver e enredar no que agrada, cegando-nos para a realidade de que isso é, geralmente, «apenas provisório».

E de reflexão, ainda, sobre

a facilidade com que nos deixamos deprimir pelo que aflige, sem atentarmos que se trata de provações que Deus permite, sempre passageiras, que Ele bem conhece a fraqueza das nossas forças; e, se nos não dispensa da Cruz, também nunca no-la dá superior a elas. Pois não chama Jesus «bem-aventurados» aos aflitos «porque serão consolados»? Então, passageiras são as aflições que Ele consente! Perigosas, sim, aquelas em que nos metemos pelo caminho do que nos agrada.

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

CONVÍVIOS — Depois do Convívio Fraternal em que participámos, agora mais dois rapazes nossos foram a um outro, em Valadares, no dia 24 de Fevereiro.

Assim, ficamos a conhecer melhor Cristo e a Boa Nova. Ficamos a conhecer mais jovens sedentos de Cristo.

Os quatro rapazes que foram ao 232, continuam os seus encontros fraternos nos Capuchinhos (Porto) e, todos os meses, participam numa Missa de jovens, em que se fala de todos os problemas da juventude.

Não há um que diga que não gosta daquela palestra, útil para o presente e para o futuro.

Os rapazes dos Capuchinhos, durante os encontros, preparam algumas novidades, fazendo exemplos do mal e do bem. Isto tudo para que os jovens de hoje vejam com os seus próprios olhos o que os espera. Um futuro bom ou um futuro mau?

Só o próprio jovem, ele e só ele, poderá escolher o seu caminho — com os olhos em Deus, pois Ele é que nos dá a Vida.

Caros amigos e jovens enfrentemos a realidade e mostremos aos outros um pouco de nós mesmos.

Não tenhamos respeito humano! Hoje, dia 16 de Março, vamos ter novo encontro.

CARAS NOVAS — Vieram mais dois rapazes-irmãos para a nossa Aldeia de Paço de Sousa. Já têm apelidos: o «Carona» e o «Spok». Vieram da nossa Casa do Gaiato de Beire (Paredes).

Que Deus nos ajude para que possamos também ajudá-los.

VISITANTES — Agora, por estas alturas, começam a vir mais visitantes. Está a terminar o Inverno, começa a Primavera e as pessoas das cidades, como sempre, gostam de dar umas voltinhas pelo campo cheio de verdura e flores.

Venham sempre, de visita à nossa Aldeia de Paço de Sousa.

APROVEITAMENTO ESCOLAR — Estamos no segundo período e as aulas estão a correr normalmente. Claro que houve umas negativas, mas de cer-

teza que se vão recuperar. É preciso um pouco de força de vontade e de espírito.

Esperamos que não corra pior no segundo período.

CARNAVAL — Tivemos um Carnaval muito bom! Começando logo pelos mais pequenos que puseram máscaras e disfarces. Ninguém os conhecia!

Os mais pequenos, de tarde, foram dar um passeio com o sr. Padre Telmo.

A nossa malta mais velha assistiu a um desfile carnavalesco perto da nossa Aldeia, em Cête.

Manuel Augusto («Chinês»)

Lar de Coimbra

SUBSCRITORES — Muitos dos nossos Amigos não sabem que a Casa do Gaiato tem subscritores em Coimbra e que, periodicamente, contribuem para a nossa vida. São dos mais antigos Amigos da nossa Obra, alguns até companheiros de Pai Américo nas suas andanças à procura de mais um e ao encontro de todos. Aliás, foi com esses Amigos, e por este processo, que ele foi construindo a nossa grande Família, alguns até referenciados nos livros que escreveu.

A partir de Pai Américo o número dos mais íntimos Amigos estabilizou; e, assim, como hoje são os filhos que fazem o percurso-recolha em seu nome, muitos desses Amigos, já companheiros de Pai Américo no Céu, vêem o seu nome perpetuado pelos filhos também; é frequente, nestas andanças, ouvirmos: — *Isto está em nome do meu pai, mas uma das suas paixões não pode acabar com a sua morte!*...

Passam a centena, actualmente. Decerto teríamos muitos mais, fosse isto do vosso conhecimento; mas é do pouco que se faz muito.

Estes nossos Amigos pagam uma quota que varia de 15\$00 a 3.000\$00 duas vezes ao ano, semestralmente, sendo a primeira paga em Janeiro/Fevereiro, e a segunda em Junho/Julho. Há, também, alguns que contribuem anualmente, por melhor conveniência — para eles e para nós. Tudo somado, ao fim do ano, dá cerca de 30.000\$00.

Destes Amigos temos recebido apoio ao longo dos anos, amizade que é

imprescindível e posta no primeiro plano das nossas necessidades.

São estes os Amigos a quem Pai Américo ensinou que o Próximo necessita da nossa ajuda.

Apelamos para que os Amigos, de Coimbra, se façam nossos subscritores. Ficamos à espera do vosso recado. Muito obrigado.

Chiquito-Zé

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — Como todos sabem é a primeira vez que escrevo uma crónica. Também todos sabem que está a aproximar-se o tempo das sementeiras, principalmente a das batatas.

Nestes dias, sobretudo nas férias do Carnaval, temos andado preocupados a preparar as terras, especialmente a da vinha. Já semeámos o olival novo com a primeira batata. Na próxima semana faremos a grande sementeira nas terras secas. Somos muitos a comer e alguns comemos muito.

VACARIA — Agora remodelámos a vacaria e temos dez vacas leiteiras. Cinco são novilhas de raça e quatro delas já tiveram o seu primeiro filho e a outra está à espera.

Uma delas teve uma filha tão grande como a mãe e ficou aleijada! Outra foi de madrugada e nós não contávamos. De manhã já estava morta. Pouca sorte!

Vamos procurar ter mais cuidado. O Tonito, que já é um homem, tem de estar mais atento.

Quem tem valido mais tem sido o «Chola». Está sempre pronto de mãos e de língua!

MATANÇA — Matámos os nossos cinco porcos grandes. Criámos-os de pequeninos e agora a carne sabe-nos muito bem.

Estamos à espera de mais leitões para criar e, depois, termos mais carne.

PODA — Também cuidámos da poda das nossas videiras e árvores de fruto. Já estão arrumadas. Faltam-nos agora acabar de dar uma volta às oliveiras.

Também tivemos de substituir as macieiras que foram secando, por macieiras novas. Foram 28.

Esperamos que depressa dêem fruto e fruto bom.

Gostamos todos que o nosso trabalho dê bom fruto.

Manuel

Tojal

SR. ANTÓNIO — Fez no domingo, 3 de Março, um ano que morreu o sr. António — homem muito simples e humilde.

Com 84 anos, débil de forças físicas, mas o seu jardim não podia ficar em mau estado.

Um homem honesto que se dedicou à Obra, à qual deu o seu valor e delicadeza, o melhor de si próprio aos rapazes.

Comemorámos na Missa dominical, o aniversário da sua morte.

Já doente não deixava de tratar os nossos jardins! Sempre preocupado com tudo e todos, ele sofria por ter de dar trabalho a alguém.

Estamos muito agradecidos pela sua colaboração, durante tantos anos que esteve connosco, nesta Casa do Gaiato de Lisboa (Tojal).

Pedimos que não nos esqueça e peça por nós a Deus, por todos nós que bem precisamos de ajuda.

OBRAS — Daqui a poucos meses esperamos iniciar a construção da nova Capela. Um, dois anos a construir? Com esperança tudo há-de correr bem.

O pavilhão desportivo continua. Já faltou mais, pois já vai a meio. O ti Manel, ainda pior para ele, ficou doente. Era um dos operários das obras e, afinal, teve de ir para o hospital. Rezamos todos para que tudo corra bem.

DESPORTO — Os nossos campeões de futebol estão em boa temporada. Venceram todos os jogos. O último grupo levou 8 golos e deixou cá 5.

A equipa dos «esperanças» venceu por 2-1 outro grupo da zona: Tojal, Zambujal e Tazim.

Força de vontade e treinos são os nossos votos.

CAMPO — Na quinta temos muito trabalho: couve plantada, cenouras, tomate, feijão verde, cebola, alface, etc., já na terra e crescidos ou ainda no princípio.

Temos estado na poda das videiras e oliveiras na esperança de melhores uvas e mais azeitona.

O forno do pão não passa sem lenha... As árvores velhas do fundo da quinta vieram mesmo a calhar. Sem lenha não há forno e sem forno não há pão.

E para «encanar» o feijão verde está-se já a desbastar o canavial. Cada coisa no seu tempo e no seu lugar.

PECUÁRIA — Tenho a dizer que um vitelo novo — o «Entrudo» — estão a ver o dia em que nasceu — e duas ninhadas de leitões são a novidade maior nesta maré.

Fizemos duas matanças. Uma para chouriços, a outra para carne — que está por bom preço, a avaliar pelo custo a que foi vendido o nosso «Bisonte».

Duas coelhas esperam coelhinhos. E, na pateira, a gansa aquece uma dúzia de ovos...

Votos de uma Páscoa feliz para os nossos Leitores e um grande abraço do vosso amigo,

Oscar

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Entre os casos que procuramos resolver — ou amenizar-lhes o sofrimento — aquela mãe jovem, com o marido desempregado, não deixa de nos afligir!

Na verdade, seja pelo que for, num Mundo onde há tanto, tanto que fazer, os homens geram assim umas

crises, mais ou menos cíclicas, que trazem sempre enormíssimas carências aos Pobres mais pobres!!

A jovem mãe não resistiu; em vez de entregar algo ao senhorio, foi logo ao merceiro!

— (...) Desculpe... Nós não temos que dar aos filhos...!

Vamos pôr em dia a renda da casa. São mais de vinte contos.

— Olhe que já caíram três meses... Mas vejam lá se poderão continuar a dar-nos mais alguma coisinha, o menos prò leite dos meus filhos — o menos p'ra eles...!

Tudo isto numa torrente de lágrimas — que brotam dum coração de Mãe!

PARTILHA — À frente segue «Alice Pequena», «cigarreira» da antiga fábrica de tabaco do Porto. Leva na mão — como ela diz — «um conto de réis». Tem, agora, uma bonita idade: 82 anos!

O costume, e mais alguma coisinha, do Fundão. Presença que não falha! Como a «Avó de Sintra»: manda 2.000\$00 e pede «desculpa de só ir a meio do mês, mas a minha pensão — acrescenta — é-me paga nesta altura e outros bens não possui».

Rua D. Pedro V, Vila Nova de Gaia, 1.000\$00 para «o Pobre mais necessitado». Metade do assinante 26701, do Porto, votado à problemática da terceira idade. M. C. com 100\$00 entregues no Montepio Geral, em Lisboa. Vinte marcos da assinante 2838 — Paderborn, RFA. Nisa, 1.600\$00 da assinante 19362 «para Viúvas necessitadas».

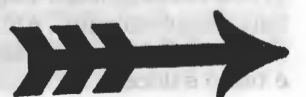
Aquela senhora amiga que aparece, por cá, assiduamente — e cuja alegria espiritual transparece no seu rosto — deixa em nossas mãos outro donativo com a delicadeza de sempre: 100 francos.

Marília, de Moreira da Maia, 1.000\$00 para «sufragar a alma dos meus queridos Pais». Assinante 17258, de Baguim (Rio Tinto), 750\$00 «para a Viúva». «Migalhinhãs» da assinante 15753, de Oeiras. Assinante 9790, de Oliveira do Douro, 2.000\$00: «Pequenina gota para a Conferência lembrando o Tempo que se avizinha. Ouso pedir uma oração ao Senhor para que olhemos com cuidado o caminho a seguir, pois pode acontecer que não seja o mais certo aos olhos de Deus».

Assinante 16415, de Barcelos, 1.000\$00 «para o que for mais necessário de momento» entre os Pobres mais pobres. Rua Álvares Cabral — Porto:

«Mando aqui mais alguma coisa para que utilizem da melhor maneira aquilo que eu certamente gastaria mal. Assim, pelo menos, será útil a alguém.

Não sou assinante do GAIATO, mas o meu pai. Eu leio-o sempre que ele o traz. E ao lê-lo sinto-me tão egoísta! Digamos que aquilo (o pouco!) que tenho enviado, será uma forma de abrir a minha consciência. E não é o suficiente, bem sei. No dia em que eu for capaz de prescindir, não de parte da minha «semanada», como tenho feito, mas de toda ela..., nessa altura serei bem melhor do



A Madalena e o José — filhos do primeiro «Caparica».

Novos Assinantes de «O GAIATO»

Somos empurrados pela corrente caudalosa!

Quem nos dera dizer pouco, ou quase nada, e deixarmos só os peregrinos falar desta longa procissão d'almas vivas que leva O GAIATO «a mares nunca dantes navegados» — diria o Poeta.

Efectivamente, o monte de correspondência à nossa frente esmaga o mais simples dos mortais, não só pelo calor d'amizade que trespassa das suas linhas, como por outras linhas que só as almas conseguem escrever ou dizer. É o mundo das almas que aí vai inteirinho!

Neste aspecto, o nosso Waldemar Soares — que tomou sobre si a cobrança das assinaturas dos novos leitores de Canidelo (V. N. Gaia) — pede, aqui e agora, esclareçamos que ele é nosso e tem procuração para recolher o que todos os leitores de Canidelo lhe queiram entregar para O GAIATO. Assim, está certo! Pois a verdade é que anda por aí — pelo Norte do País — um grupo invocando o sagrado nome da Obra da Rua, extorquindo sabe-se lá quanto e como a tantos incautos Amigos! Ainda agora recebemos um telefonema duma empresa industrial da região de Braga. Contaram o que já sabíamos: os burlões (que viajam em carrinha própria!) mandam um pequenito de boas falas, armado em gaiato, fazer a colheita. É pena ninguém lhes botar a mão em flagrante deli-

to, para as autoridades tomarem conta da ocorrência e, assim, a P. J. do Porto — que já sabe do caso — melhor poder deslindar a meada.

O nosso Padre Baptista realizou uma breve viagem à RFA, a convite do José Ferreira, e trouxe algumas dezenas de novos assinantes da região de Bremen, além de ter dito por lá, a quem o escutou, a razão de ser da Obra da Rua — e d'O GAIATO.

A assinante 29980, de Amaranite, manda uma lista recheada de novos leitores e, pelo que diz, espera, «dentro em pouco, enviar mais alguns nomes de amigos a quem a leitura do nosso jornal ajudará a sentir melhor a presença de Deus no seu dia-a-dia. Comigo assim aconteceu! Sinto-me mais leve», mais feliz, mais dos Outros. Bem hajam!»

Uma boa Amiga de Travanca (Armamar), num abraço d'amizade, trouxe um grupo de crianças da Escola Primária — que passaram a tarde connosco — e vinte e duas delas, com o assentimento dos pais, inscreveram-se assinantes d'O GAIATO! Aí temos um rico prólogo para o «Ano Internacional da Juventude»!

Nesta linha, que dizer ao querido Marco, de Lisboa, que deseja «fazer quatro assinaturas d'O GAIATO, uma para mim (tenho nove anos) e para os meus irmãos de quatro, seis e oito anos!»?

Que dizer mais sobre a carta da assinante 30709, também da Capital, que, afirma, «se não fosse muita maçada e porque a minha filha (18 anos) está a estudar em Coimbra, gostaria que lhe mandassem O GAIATO!»?

Teríamos muitíssimo mais a acrescentar. Todavia, somos forçados, pela carência de espaço, a referir só uma oportuna nota da assinante 28102:

«Agradeço que incluam como assinante uma senhora viúva, e já de certa idade, que, sabendo que O GAIATO iria deixar de ser distribuído à porta de algumas igrejas, me pede para

vos escrever, pois não quer deixar de saborear a leitura do jornal — que tanto lenitivo lhe dá».

Vamos, então, por fim, fazer a síntese da procissão: Lisboa e Porto um ror deles! Mais Odivelas, Amadora, Almada, Sebolido (Entre-os-Rios), Celorico da Beira, S. Mamede de Infesta, Palvarinho (Castelo Branco), Retorta (Vila do Conde), Laranjeiro, Vila Franca de Xira, Faro, Setúbal, Póvoa de Varzim, Coimbra, Seixal, Rio Tinto, Mafra, Labruge (Vila do Conde), Colmeal (Góis), Damaia, Vila Real de Santo António, Barcelos, Santarém, Montijo, Urros (Moncorvo), Cacém, Vila Nova de Gaia, Mira, Lagos, Mem Martins, Loures, Beja, Brejos de Assa, Cartaxo, Mealhada,

Marco de Camavezes, Torres Novas, Pinhal Novo, Pedras Rubras, Albergaria, Serpa e Póvoa de Santo Adrião.

Júlio Mendes

Atenção

Quando nos remeter importâncias para a assinatura d'O GAIATO ou da Editorial, o Leitor não se esqueça de recortar e mandar o seu nome e o número de assinante que vão no endereço do jornal ou na embalagem dos livros — preciosos elementos para localizarmos a respectiva ficha, ordenada por ordem alfabética. Obrigado.

AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

cam esse dinheiro que representa a desgraça de muitos.

Vê-se que há uma grande corrida por parte das agremiações desportivas aos jogos de azar, em ordem a desenvolver os seus complexos desportivos ou a obter resultados ou marcas. Os licenciamentos sucedem-se e as guerrilhas para obtenção de alvarás são patentes, com manobras políticas à mistura, ao que nós é dado aperceber. As famílias destruídas, os suicídios havidos e outros tipos de desgraça pouco importam. O que interessa é o «desenvolvimento desportivo», nem que os atletas, amanhã, apareçam de tanga e pé descalço...

Em nome do Turismo e da aquisição de divisas instala-se o nudismo. Dizem-nos que faz parte da atracção turística e que tal se encontra já em vigor lá fora. Os valores morais não interessam, pois o materialismo e a licenciosidade é que importam. Nós somos todos uns parolos e o que é do estranho é que é bom! Somos, de facto, muito pobres de espírito, que não aproveitamos os Valores cá existentes, e de que é reserva moral o bom Povo, para copiarmos o que há de mau no exterior. Ainda se aproveitássemos o que há lá fora de bom! No fim: perversões dos mais variados tipos, filhos sem pais, famílias destruídas, etc., etc. E, claro, esquecimo-nos de acres-

centar: mais meia dúzia de tubarões, candidatos a possíveis comendadores...

Os homens esquecem que a crise instalada é fundamentalmente moral: nos costumes e nas consciências, individual e colectiva, política e social, na economia e no trabalho, em suma, em todos os sectores da vida humana. Se não arredarmos caminho, indo à raiz do mal, cada passo será avançar para o precipício.

A miséria que se observa e a fome que grassa pelo Mundo, nomeadamente no nosso País, não se resolvem com o recurso a expedientes fáceis, com esbanjamentos ou o recurso ao confronto verbal estridente, pleno de promessas sem conteúdo, satisfazendo a ganância e o hedonismo de poucos, à custa do esmagamento da maioria. A parcimónia nos gastos, os investimentos em actividades não dissolventes, numa distribuição mais justa e equilibrada, o sentido da partilha com os mais fracos são exigências morais a ter permanentemente em conta.

Terminamos com palavras do Papa, proferidas na Sua recente visita ao Equador: «Gostava de fazer um apelo urgente à consciência daqueles que governam e que são responsáveis pela sociedade, assim como a todos os católicos, particularmente aos que têm mais posses e possibilidades de influência, para que procurem um maior equilíbrio social e mostrem até mais solidariedade para com os necessitados e os que sofrem». O exemplo começa por cima e por todos aqueles que se dizem discípulos do Mestre, no cultivo dos valores naturais e da Boa-Nova. Só assim haverá «mais respeito pelos sem pão» e se criarão as condições para uma vida mais justa e fraterna.

P. S. — Mais uma vez chamamos a atenção para os falsos peditórios feitos nas ruas de Lisboa a «favor» da Obra da Rua...

Padre Horácio

Padre Luiz

que agora. Por enquanto... acho que ainda sou demasiado egoísta.»

Assinante 23856, de Elvas, remanescente de contas d'O GAIATO. «Velha Amiga de Figueira», 500\$00. Santa Cruz do Douro (Baião), idem. Assinante 13109, idem. Assinante 26471, de Algueirão, o dobro para «uma senhora idosa e doente». Mais 500\$00 da assinante 25037, de Paço de Arcos. Leiria Grande: «Vai ser celebrada uma santa Missa por alma de minha cunhada. Mas achei que ao Sacrifício do Filho, oferecido a Deus por nós, se deve juntar o nosso sacrifício em favor dos Irmãos. Assim, e porque não me é possível enviar mais neste momento, segue um vale de correio de 500\$00 para os Pobres da Conferência».

Agora, vem lá um Vicentino, de Lisboa, que aparece sempre na hora H: «Começou mais uma Quaresma, tempo santo e salutar para as almas tão necessitadas de meditação sobre o ano transcorrido: que bons propósitos fizemos e como os cumprimos... Tempo de penitência, de conversão para Deus e para o nosso Irmão necessitado de amor e de ajuda material.

Como diz o Santo Padre na sua exortação para a Quaresma de 85: «... Só o pensar naqueles que sofrem não basta. Neste tempo de Quaresma, a conversão do coração há-de levar-nos a juntar à oração o jejum, vivificando com a Caridade de Deus as diligências que nos são inspiradas pelas exigências da Justiça para com o Próximo».

É dentro deste espírito de partilha sugerido pelo Sumo Pontífice que

junto um modesto cheque a que darão o destino mais conveniente.»

Mais 500\$00 do assinante 8635, de Salvador da Torre. O contributo habitual de «Maria de Portugal», do Porto. Assinante 32986, também do Porto, metade dum cheque — «com o pensamento em Pai Américo». Mas que bem, amigo Manuel!

Hermínia, de S. Pedro do Sul, sobras de contas d'O GAIATO: «Aplicuem no que for mais útil». Assinante 2324, de Lisboa, 1.000\$00 relativos ao primeiro trimestre do ano em curso «para a mulher que tem sete filhos».

Uma Empregada doméstica, de Carcavelos, testemunha com humildade a grandeza da sua alma. Ouçamo-la com os olhos no Alto:

«... Deus tenha compaixão de todos, do pão nosso de cada dia. E todos se lembrem que há muita gente com fome. Mas... as pessoas são tão egoístas que só querem o seu bem-estar, nem pela cabeça lhes passa os que precisam de ajuda. E são tantos! É tanta gente a gastar em coisas supérfluas, tudo na moda!

A minha senhora era tão rica e só precisou duma cama e duma cadeira. Não levou nada...»

Por fim, 500\$00 da assinante 21984, de Coimbra: «Única insignificância que me atrevo a mandar para a Conferência Vicentina de Paço de Sousa. Espero que Deus me ajude a enviar mais na ocasião da Páscoa.»

Em nome dos Pobres, o nosso muito obrigado.

Júlio Mendes

TRIBUNA DE COIMBRA

● É sempre um dia muito cheio quando vem a Fraternidade de S. Francisco da cidade de Tomar. Foi no domingo passado.

O primeiro acto foi a celebração da Eucaristia. Cânticos com alma, oração com Vida. Ofertório levado ao altar. O abraço da paz: Comunhão. Foi o centro.

A nossa sala de jantar abriu-se e puseram seus farnéis em cima das mesas. Franca partilha. Partilha fraterna. Tudo modesto, sem exhibições. Alegria na partilha.

A tarde foi passada na intimidade com o à-vontade dos rapazes: o bar, o campo, os animais, toda a casa. Sem cicerones, sem pedirem licença. Tudo em família.

● Esta Fraternidade de S. Francisco tem o seu Lar para os Irmãos necessitados. No grupo vinham Irmãos doentes e deficientes motores. Mais um grande valor para a Fraternidade!

A presença destes Irmãos no meio de nós é um testemunho maravilhoso da Fraternidade. Como eles se amam! Como eles se ajudam! Como eles dão as mãos! Sentem-se felizes. A felicidade tem a sua grande raiz no Amor.

São militares oficiais, são comerciantes, são formados, são domésticos, são pobres. São todos a Fraternidade.

Porque não há-de haver uma Fraternidade em cada terra de Portugal?



DOUTRINA

Leitor querido e amigo: queres fazer hoje uma obra boa, silenciosa e meritória para a Vida Eterna? Priva-te de qualquer coisa por amor dos Pobres. Hoje! Não seguramente dos pedintes dos caminhos, que nem sempre são os que mais necessitam, mas sim, de preferência, daqueles que tudo aceitam sem pedir nada a ninguém e que merecem de nós um salário certo e generoso pelos trabalhos que têm dentro das suas casas, sofrendo males sem cura e privações sem conta. Destarte, sem armas nem arautos, repara melhor que ninguém as grandes injustiças do grande Mundo.

Não te conformes nunca com os caprichos dos tempos, nem com a tesoura dos alfaiates, que por causa da tua moda variar tanto, é que a dos Pobres é sempre a mesma: trapos! Nem pintes a frente com dispêndios inúteis. Quantas mães, que eu conheço, desejariam para o pão de seus filhos o que tu dás na drogaria para o pó da tua cara! Tu — poeira!...

Não sabes que a linguagem da gente pobre, nas vendas, é toda feita de metades de meio quilo e de metades de meio litro? E nos açouques é: «Passe-me cá aqueles ossos»? E na praça é: «Deixe-me ver aquelas aparas»? E em casa é um «custa tanto olhar para estes pequeninos sem ter nada que lhes dar a comer!»?

Poupa para que todos tenham o preciso. Mais sobriedade... Lança-te de braços abertos na hora de resgate, nestas fileiras de justiça e de amor onde todas as almas de boa vontade são chamadas a combater o bom combate.

De que serve cruzar os braços e bradar contra a miséria social? Não! Toma sobre ti mesmo toda a culpa dos males que afligem o nosso tempo; e repara, fazendo hoje todo o bem que puderes às classes chamadas baixas — tão altas e até mais altas do que tu!

D. Amín. 5!

(in Pão dos Pobres — 1.º vol.)

VISTAS de DENTRO

Sem fé não somos capazes de ver nem tão pouco explicar o que nos acontece quase todos os dias. Que beleza, em gestos tão pequeninos! Por isso nos sentimos também pequeninos para ver as maravilhas que Deus vai realizando diante dos nossos olhos.

Neste sábado, ao princípio da tarde, chegou a excursão já anunciada. Veio de Travanca (Armamar). Era um pequeno grupo de crianças da escola. Trouxeram o seu farnel e quiseram partilhá-lo com os nossos mais pequenos. E também comeram da sopa quente feita na nossa cozinha. Comer do que nós comemos, comer do que eles comeram é sinal de muito amor. Depois, a festa, ao seu jeito, com os trajes a seu gosto que nos foi oferecida no palco do nosso salão. Tudo muito simples, como simples são as coisas grandes. Deixaram sobresscritos com beijinhos para os mais pequeninos. É a linguagem das crianças: «Mais um pouco para vós e beijinhos da Matilde; tenho 7 anos e deixo um grande abraço para os mais pequeninos; tenho 5 anos e deixo um abraço para os «Batatinhas»; sou uma jovem de 13 anos e não quero esquecer-vos; é pouco, mas é de boa vontade; para vós, «Batatinhas», um grande abraço, tenho 4 anos; mais a oferta de 6 irmãos».

As entrelinhas dizem muito mais do que o que ficou escrito. Bem haja D. Ricardina e suas

amigas e amigos que a acompanharam.

Mais um. O Hugo faz parte do grupo dos «Batatinhas». Estava eu mais o Júlio Mendes, no escritório, a tratar de assuntos. Nisto, a porta abre-se e o Hugo entra, mesmo sem pedir licença, e põe nas minhas mãos uma moeda de 2\$50 que encontrara lá em baixo. Um gesto pequenino. Mas rico. Podia muito bem guardar a moeda. O cuidado, a preocupação de a entregar mostra bem a beleza da alma do nosso pequenino. Júlio mais eu pasmámos a olhar para o Hugo. Nos olhos espelhava-se a alegria por ter feito o que fez. Por isto e por muito mais esquecemos as grandes dores que nos magoam. Recebeu a paga que mereceu: dois beljos agradecidos. E foi-se.

No fim das refeições, a mesa onde comemos com os rapazes fica mais chela do que antes. São eles que vêm falar. Contar as suas coisas. Põem as mãos nos ombros. Deixam-nas correr levemente pelo nosso rosto. É uma alegria! Pensamos na família. Nos filhos que saem e não dizem nada. Nos pais que se levantam e desaparecem. Os filhos não podem falar. Os pais não têm tempo. Que tristeza! Precisamos de ser pequeninos para ver as maravilhas que Deus põe diante de nós.

Padre Manuel António

LAR OPERÁRIO EM LAMEGO

No dia 16 de Janeiro de 1965 abriu, na Rua do Teatro, em Lamego, o Lar de S. Domingos, com a finalidade de receber rapazes com dificuldades económicas que, depois de concluída a instrução primária, quisessem aprender uma arte ou ofício.

Decorreram vinte anos. Ainda não foram tempo suficiente para que muitos dessem conta da sua existência. O Evangelho repete-se e há quem passe de lado sem reparar, carinhosamente, no irmão pequenino que precisa da sua mão. Outros, porém, ao longo do tempo, mês a mês, e em determinadas ocasiões, mandam bocadinhos de pão e de amor que repartimos. Estes sabem que a mesa não pode ser saudável, nem ter pão louvor («quem dera que houvesse suficiente, só com palavras de vesse mais Casas iguais»).

Nem tudo foi êxito nestes vinte anos. Os poucos fracassos, todavia, que registamos, foram mais o resultado dum certo desequilíbrio intelectual do rapaz. Seguindo o pensamento de Pai Américo afirmamos que mereceria a pena ter começado — ainda que só um tivesse aproveitado.

Em dia de aniversário é costume aparecerem prendas. E vieram! Naquele dia e no dia seguinte bateram à porta quatro rapazes — que são outras tantas prendas: um, dos lados de Resende; outro, só toma a refeição do meio-dia e é da cidade; os outros dois são irmãos, dos lados de Tarouca. Falámos com a mãe dos últimos. É viúva, tem nove filhos e é doente. Não precisou de falar muito do seu mal-estar, porque o rosto indica muito sofrimento. A maior dor estava, porém, no coração, por se privar daqueles dois filhinhos. Sem mais palavras, ficaram no Lar de S. Domingos dois pedacinhos da sua alma, na esperança de encontrar o pão que, em casa, ela não tinha para lhes dar.

O Lar ficou com os lugares tomados, com espanto de quem orienta a cozinha — por saber da hora difícil que atravessamos. Em ocasiões de dúvida no dizer sim ou não àqueles que nos procuram, somente tentamos saber se há alguma cama vaga. Depois, sem aprofundar a série de dificuldades que antevemos, abrimos os braços e mandamos entrar.

CARTAS

«Venho agradecer os livros que tinha pedido e na altura recebi.

É sempre bom termos presente na mente e no coração as palavras e Obras de Pai Américo.

Quisera eu ter uma pontinha do seu amor pelos Outros e não me limitar só a gostar de ler as suas palavras...!

Pelo bem que a todos fazem os seus livros, o muito obrigado da

Assinante 17754»

«Acuso a recepção do livro Pão dos Pobres que li e estou a reler novamente. Bem gostaria que Pai Américo me desse uma migalhinha da sua força do Bem e o muito amor aos Outros. Se a todos fosse dada essa grande Graça, o Mundo seria muito melhor e tudo pareceria simples — como é

toda a sua prosa, nos seus livros maravilhosos!

Assinante 10070»

«Aqui vos envio... em cheque. É pouco, mas a vossa Obra merece mais, muito mais. É com amor que o faço, pois gosto d'O GAIATO que leio de ponta a ponta.

Que Deus vos dê sempre coragem para a luta do dia-a-dia (que não apresenta grandes perspectivas futuras a breve prazo), mas a ajuda do Pai Celeste tudo faz, e os corações dos homens que se dedicam à Obra da Rua também conseguem «milagres», fazendo nascer e crescer homens novos, honestos e trabalhadores para o nosso País.

Assinante 6567»

Notas do Tempo

Cont. da 1.ª pág.

E a terceira legenda faz-nos pensar que só aquilo que é da espécie do Amor, não é provisório nem passageiro, mas permanece em valia eternamente.

Porém, para que os nossos pensamentos e acções sejam na verdade da espécie do Amor, há que purificá-los pela renúncia a muita coisa que em cada momento nos agrada e pela aceitação pacífica de muitas outras que em outros momentos nos afligem.

Esta é a Sabedoria, o dom do Seu Espírito que o Senhor faz aos aprendizes da Humildade e Mansidão, ambiciosos, somente, de um coração semelhante ao do Mestre.

Acabei de escrever a primeira nota e fui abrir o correio do dia. Vinha esta carta, tão exemplar na linha de pensamento das legendas citadas que não resisto a dá-la à estampa:

«Peço desculpa de enviar tão tarde a minha lembrança deste ano. Com ela vão os meus desejos de que tudo aí, na Casa do Galato, corra pelo melhor.

São tempos difíceis para a formação da Juventude estes tempos em que o «vírus do consumismo», acompanhado do desprezo dos grandes valores

Foi assim sem mais nem menos o aniversário do Lar de S. Domingos, na R. do Teatro, 16 — Lamego.

Padre Duarte

Padre Carlos



Director: Padre Telmo

Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285

Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel